



DL-01

Ses. Esp. 22/11/12

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem ao Dia Nacional da Consciência Negra com o tema “Violência Contra a Mulher Negra”, proposta pelos deputados Bira Corôa e Rosemberg Pinto.

Nesta oportunidade, será outorgado o Título de Cidadã Baiana à deputada federal Benedita Sousa da Silva Sampaio, projeto de autoria do deputado Bira Corôa com a aprovação unânime dos pares desta Casa.

Convido, para compor a Mesa, o deputado e, também, proponente desta sessão, Rosemberg Pinto (palmas); a secretária de Políticas para as Mulheres, representando o governador do estado da Bahia, Sr^a Vera Lúcia Barbosa (palmas); a ex-governadora da cidade do Rio de Janeiro e deputada federal, Benedita Sousa da Silva Sampaio (muitas palmas); a coordenadora de Centro Maria Felipa, Sr^a Tenente Bruna Graciele, representando o comandante Geral da Polícia Militar, Coronel Alfredo Castro (palmas); o subsecretário da Secretaria Municipal da Reparação de Salvador, Sr. Edmilson Sales, representando o secretário municipal da Reparação (palmas); a ialorixá, doutora em Antropologia, Professora Cecília Conceição Soares (palmas); o vice-presidente do Conselho Estadual de Educação, Professor Sérgio Guerra (palmas); o professor e membro do Conselho Estadual de Cultura, o Tata Xicarangoma, Dr. Jaime Sodré (palmas); a presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas, Creusa Oliveira (palmas); a representante da Comissão Permanente de Política para as Mulheres nesta Casa, a deputada Neusa Cadore (palmas).

Neste momento, convido todos a ficarem de pé para fazermos 1 minuto de silêncio em homenagem ao servidor desta Casa Luiz Melo, que no dia de ontem partiu desta vida deixando em todos nós a lembrança muito forte de dedicação, respeito e compromisso como servidor público deste Poder.

(O Plenário faz 1 minuto de silêncio.) (Palmas)



O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Registro as presenças dos deputados Álvaro Gomes, Aderbal Caldas e Zé Raimundo e das deputadas Fátima Nunes e Maria del Carmen. Se houver mais algum, registro na sequência.

Convido a Banda Didá para fazer o ato de abertura com uma apresentação musical.
(Apresentação musical da Banda Didá.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Registro a presença da deputada Luiza Maia que preside a Comissão das Mulheres nesta Casa.

Quero aproveitar para convidar a vereadora Olívia Santana para fazer parte da Mesa, representando a Câmara Municipal de Salvador, rubro-negra (Palmas) e detentora de um dos mais belos sorrisos desta terra.



4271-II

Ses. Esp. 22/11/12

Or. Rosenberg Pinto

Dia da Consciência Negra e Título de Cidadã Baiana à Dep. Federal Benedita da Silva.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao proponente desta sessão, deputado Rosenberg Pinto.

O Sr. ROSEMBERG PINTO:- Querido deputado Bira Corôa, aqui dividimos esta realização. Quando nós debatemos para fazer esta sessão especial que diz respeito às atividades da Semana da Consciência Negra na Bahia e no Brasil, escolhemos um tema para ser apreciado: o da violência contra a mulher, em especial a mulher negra. Depois entendemos que a forma de questionar isso não é só constatando-a, mas igualmente afirmando a existência de homens e mulheres negros que fazem desta uma importante sociedade plural, como a baiana e brasileira.

Por isso, vamos agora não só falar da violência contra a mulher negra, mas também da participação de algumas mulheres nas áreas da cultura, saúde e religião fazendo uma homenagem para que sintamos a cada dia a importância dessas pessoas na consolidação desta sociedade.

E brindar ao final desta sessão com o título de cidadania aprovado por esta Casa, cujo proponente foi o deputado Bira Corôa, a esta mulher importante para a política brasileira, Benedita da Silva, que já é baiana de relacionamento porque Pitanga é baiano do 2 de Julho. Mas mesmo assim vamos oficializar aqui a partir desta concessão.

Queria saudar meu querido Bira Corôa, a Sra. Secretária de Políticas para as Mulheres, minha querida Lucinha, que representa aqui o governador Jaques Wagner, e fazer uma saudação especial à ex-governadora do Rio de Janeiro e deputada federal, Benedita da Silva.

Saúdo também a Sr^a Coordenadora do Centro Maria Filipa, Tenente Bruna Graciele, o Subsecretário Municipal da Reparação, meu querido Edmilson Sales, a Sra. Ialorixá Doutora em Antropologia, Professora Cecília Conceição, o Sr. Vice-Presidente do Conselho Estadual de Educação, meu querido Sérgio Guerra, das minhas velhas caminhadas



quando éramos subordinados do general Matos nas caminhadas de Canudos; o professor, membro do Conselho Estadual de Cultura e Tata Xicarangoma Jaime Sodré, que aqui traz um debate, pois foi um dos fervorosos defensores para que pudéssemos garantir que a baiana de acarajé tivesse seu espaço garantindo neste cenário que o Brasil vai ter e a Bahia vai participar. (Palmas!)

Sra. Presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores Domésticos, minha querida Creusa, e minha querida deputada Neusa Cadore, que representa aqui a Comissão da Mulher da Assembleia Legislativa, quero dizer que esta Casa tem a maior participação de mulheres em todo o Brasil. É aqui na Bahia! Então é um orgulho, e essa Comissão funciona sob a batuta da nossa querida Luiza Maia.

Queria saudar ainda a nossa querida vereadora Olívia Santana, com isso também saudando Moisés Rocha, que era convidado desta sessão e por motivo de saúde não pôde estar aqui, mas mandou um documento que o deputado Bira Corôa vai ler, meu querido Zé Raimundo, deputado estadual e nosso chefe lá em Vitória da Conquista, minha querida deputada Fátima Nunes, deputada da praia ao sertão da Bahia, meus queridos companheiros e companheiras, quero saudar políticos presentes na pessoa do meu presidente do Partido do Trabalhadores, Jonas Paulo.

Queridos companheiros, muito já disseram, e eu aqui vou apenas repetir: esse publico é conhecedor exatamente do que vou falar aqui. Para compreender quem somos, precisamos, primeiro, entender de onde viemos. Quais são as histórias que compõem a nossa própria história, quais foram as lutas de nossos antepassados, quais seus maiores anseios e princípios. Novembro, o mês da consciência negra, traz para nós um debate significativo da importância da comunidade afrodescendente que ajudou a construir, a formar a sociedade brasileira e que nós, na minha época, na época da escola, só ouvíamos falar e contar a história da formação da sociedade brasileira a partir do viés europeu. E aqui estamos fazendo, a cada mês, a cada semana, a cada dia, essa mudança.

Esse é o grande desafio nosso nas instituições, a exemplo da Assembleia Legislativa da Bahia. Aqui, fizemos um debate que antes era impossível se fazer na cidade do Salvador, que era discutir ancestralidade, e aqui nós trouxemos esse debate, porque



entendemos a importância da religiosidade para a formação dessa sociedade plural e importante que é a baiana.

Aqui, nós debatemos recentemente... O deputado Bira Corôa é o presidente de uma comissão que discute aqui todos os dias a importância da comunidade afrodescendente para a formação cultural de muitos brancos da sociedade baiana e brasileira.

É por isso que nós hoje trazemos um debate extremamente importante. Fala-se todo dia deste púlpito sobre a violência no Estado da Bahia. Mostram-se as fotografias que os jornais apresentam todos os dias, mas esse debate é enviesado, um debate meramente apoteótico, precisamos fazer o debate conceitual, o debate sobre a origem da violência no Estado, a origem da violência no Brasil.

Teimam em conduzir a violência para um tipo de comunidade e responsabilizá-la sem entender a história e a formação da violência em nosso Brasil.

Por isso, deputado Bira Corôa, queremos trazer esse debate do porquê da violência e precisamos hoje inverter esse papel, porque a maior violência que foi feita neste País e que é feita todos os dias ainda é a violência contra os homens e mulheres negras.

Fala-se da violência contra a mulher, mas precisamos também tratar da violência contra a mulher negra, porque a nossa história precisa ser contada, sem que precisemos ficar chorando todos os dias entre quatro paredes. Precisamos entender esse passado para que possamos fazer no presente uma apologia e uma mudança conceitual de uma sociedade que precisa romper com esse processo de discriminação.

Tenho convicção, meu querido Edmilson, do trabalho que vocês fazem naquela secretaria, para que possamos todos os dias estar debatendo isso e fazermos com que a sociedade entenda que precisamos respeitar a pluralidade em todos os sentidos e venhamos a ser uma sociedade que pensa e cultua a liberdade.

Por isso quero aqui, meu querido Bira Corôa, dividir com você este momento significativo para que possamos fazer desta Casa não apenas a fotografia do negro que sustenta o barco, mas a fotografia do dia a dia de homens e mulheres, independente de suas origens, que constroem diariamente uma sociedade da qual vamos nos orgulhar bastante no futuro, por ser um Brasil, uma Bahia que constrói a possibilidade de ter uma sociedade



plural, uma sociedade que cultua a democracia. Mas, para isso, voltando ao passado, precisamos olhar para frente e fazer nesses dias homenagens às pessoas que foram significativas nessa luta.

Portanto quero encerrar dizendo que vamos homenagear algumas pessoas, não é especificamente a essas pessoas, elas são a representação da importância de homens e mulheres negros e negras que ajudaram a construir este País.

No campo da política, fazemos uma homenagem a essa mulher importante, a querida Olívia Santana. Olívia, parabéns pela sua participação na política da Bahia! Vamos homenageá-la e estaremos homenageando todas as mulheres políticas do nosso Brasil.

A homenagem do ponto de vista da cultura, na representação da minha querida Tânia Toco, que não pôde estar aqui, mas é uma negra que manda uma representante que, obviamente, não é a apreciação da beleza da negritude, mas que traz no coração a representação dessa formação cultural. Ela aqui esteve na última sessão, a nossa querida Tânia Toco, representando a cultura, e os artistas da cidade.

Uma homenagem a Isabel Alice, essa mulher que trabalha todos os dias pensando nos direitos humanos.

Do ponto de vista empresarial, vamos fazer uma homenagem a todos os homens e mulheres negras do segmento empresarial, especialmente a Madalena Cardoso.

Na segurança pública, essa delegada que orgulha a todos nós, a nossa querida Marilda Marcela.

Na comunicação, uma homenagem a essa jornalista Cleidiana Ramos, que representa aqui homens e mulheres da raça negra.

No campo da Educação, meu querido Sérgio Guerra, permita-me fazer a homenagem à querida Cecília Soares.

Na música, essa cantora que vai me dedicar um CD, depois vou dividir, se ela só trouxe um, com Bira Corôa, que é a nossa querida Juliana Ribeiro, já recebi dela um beijo e vou ficar preocupado porque não sei se lavo, para quando chegar em casa o perfume dela... ou eu fico com ela para garantir exatamente a manutenção dessa beleza Juliana, que quero carregar comigo o tempo inteiro.



Na juventude, vamos fazer uma homenagem a Carla Acotirene.

Na religião, queremos homenagear a Mãe Jaciara, que hoje manda aqui, a Yalorixá de Ogum.

Na Saúde, vamos fazer uma homenagem à querida Sílvia Augusta, secretária municipal da saúde.

Não podíamos deixar de fazer aquilo que Jaime vai fazer depois aqui, mas uma referência às nossas baianas de acarajé, uma homenagem através da querida Rita Sampaio.

Por isso que hoje é um dia de homenagens, vamos falar da violência, mas não podemos chorar nesse sentido. Temos que aprender com nossa história, mas temos que colocar a importância da nossa comunidade para a formação da sociedade brasileira.

Um abraço.

(Não foi revisto pelo orador.)



4272-II

Ses. Esp. 22/11/12

Or. Bira Corôa

Dia da Consciência Negra e Título de Cidadã Baiana à Dep. Federal Benedita da Silva.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Muito obrigado, deputado Rosemberg. Quero aproveitar para registrar a presença do deputado Carlos Brasileiro. Aproveito para registrar que o vereador Moisés Rocha faz um comunicado da dificuldade de estar presente neste ato, mas parabeniza e deseja sucesso a todos e a todas. Idem.

Convidada para compor esta Mesa, a representante da Fundação Cultural Palmares seção Bahia/Sergipe, também comunica a dificuldade da sua presença neste ato, ao mesmo tempo que parabeniza e dedica todo sucesso, Nairobi de Aguiar.

Solicito ao deputado Rosemberg presidir a Mesa neste ato.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Seguindo o nosso ritual, mas Bira poderia ficar aqui o tempo inteiro e me sentiria muito feliz. Mas quero passar a palavra ao meu querido colega Bira Corôa para que possa falar, sem dúvida alguma, fechar aqui com chave de ouro essas duas falas iniciais do proponente desta sessão, porque Bira é um dos grandes coordenadores na área da afirmação dessa comunidade que orgulha a todos nós (Palmas)

O Sr. BIRA CORÔA:- Uma boa tarde a todas e a todos, quero, inicialmente, saudar a Mesa, mas, até quebrando o protocolo, antes de saudar a Mesa quero tecer um registro, uma saudação muito especial a todos e todas presentes neste ato e mesmo aquelas e aqueles que não puderam estar neste ato, porque aqui compõem mulheres e homens que vêm de fato escrevendo a história do nosso Estado, a história do nosso País e por que não dizer a nossa própria história.

É a partir do trabalho, da dedicação, da responsabilidade, da ação e do compromisso; da disposição de luta do processo de enfrentamento e da transformação cotidiana que a gente vem conduzindo neste Brasil e em especial nesta nossa Bahia um novo tempo. E isso não se dá no acaso, se dá a partir de um somatório de esforços de todos e de todas.



Então, quero saudar a todos e todas pelo dia de hoje, pelo dia que simboliza a nossa maior luta que é o dia da Consciência Negra. Infelizmente, na Bahia e no Brasil já não é mais um dia, a gente já ultrapassou a um mês e esperamos chegar a todos os nossos dias em todo o processo de nossas vidas, porque é reafirmando a força e a luta conduzida por Zumbi e centenas e milhares de outros homens e mulheres que enfrentaram nos tempos mais difíceis da luta e que permitiu no século XX que negros e negras não tivessem vergonha de assumir a negritude.

Quero saudar a Mesa neste ato, saudando o presidente e proponente desta sessão, deputado Rosemberg Pinto. Destacar, Rosemberg, o quanto esta Casa ganhou em ação com a sua presença e a sua intervenção neste Parlamento. Não é diferente da sua história e trajetória de vida na luta sindical, na disposição e na transformação dos movimentos sociais e que aqui nos permite uma parceria das mais significativas.

Esta sessão reflete nada mais, nada menos do que a harmonia que o seu mandato e o nosso mandato vem conduzindo as ações e vêm enfrentando frentes de lutas e bandeiras significativas para a afirmação da nossa própria identidade.

Quero saudar, em nome do governo do Estado, reportando-me também ao governo do Estado, a secretária Vera Lúcia Barbosa, Lucinha como a gente, carinhosamente, aprendeu a chamar e a conviver, dizer do papel e da importância do governo do Estado da Bahia nesse exato momento da condução que vem sendo dada pelo Governador Jaques Wagner, que tem permitido grandes avanços em diversas áreas, em diversos campos, e no que tange ao enfrentamento ao racismo e à discriminação nós temos muito a comemorar, claro que muito ainda a conquistar, mas temos que destacar. E a secretária, neste ato, não poderia ter uma representação melhor, pela sua trajetória de vida, pela sua história de luta e, acima de tudo, pela condução que vem dando a uma secretaria estratégica para a afirmação de políticas e de quebra das desigualdades no contexto da sociedade e consolidação de uma sociedade cada vez mais igualitária.

Falar da deputada federal Benedita da Silva é falar de milhares de baianas que despontaram na luta que reafirmaram a sua existência no compromisso cotidiano de transformação. Posso dizer da guerreira, do jeito leve, sutil, mas muito firme, muito duro nas



suas decisões e que foram significativas e importantes para que o Congresso Nacional, o Senado Nacional e o governo do Rio de Janeiro pudessem experimentar e beber das ações transformadoras e revolucionárias que essa mulher negra pôde trazer para o Brasil, para a Bahia e para todos nós.

Deputada, a sua presença neste ato é muito mais do que uma representação, é a afirmação de que mulheres neste Brasil e nesta Bahia estão garantindo seu espaço, e muitas delas, sem dúvida alguma, tendo a senhora como a principal referência.

Tenente Bruna Gracieli, que aqui representa o coronel Alfredo Castro, representando a Polícia Militar do Estado da Bahia, em igual condição, tenente, destaco que não poderia ter uma representação melhor do que uma representação feminina neste ato, mas muito mais do que uma representação feminina, uma representação que dentro da Polícia Militar vem conduzindo um setor estratégico para discutir políticas e afirmação da mulher no contexto da Polícia Militar. Se a mulher negra vem sofrendo discriminações ao longo do seu processo de existência, imaginamos aqui uma mulher negra na Polícia Militar, no modelo e na condução que foi dado à formação do militarismo no nosso Estado e no nosso País.

Então, ser mulher e ser mulher negra e poder ostentar a condução num processo de transformação já é, por si, mais do que justificativo e importante para estar nos representando e representando a toda corporação da Polícia Militar neste ato.

Subsecretário municipal, aqui representando o secretário Ailton Ferreira, subsecretário Edmilson Sales, a luta tem-nos permitido estar presente em quase todos os atos nesses últimos posso dizer 05 anos, poucos foram os atos em que não estávamos juntos ou presentes. Isso mostra um perfil novo que tem permitido a Salvador e a gestão de Salvador ter um novo olhar para a afirmação e para a consolidação e políticas de integração e reparatórias.

Meu professor e colega Sérgio Guerra, não posso nem falar do senhor apenas como representante do Conselho Estadual de Educação, pois a sua história de luta e vida e a defesa da educação pública de qualidade neste Estado me permitem afirmar que elas o “credibilizam” a representar em todo e qualquer ato a educação na nossa Bahia. E não podia ser diferente neste ato.



Peço licença a todos até para pedir a bênção aos que são de “A Bênção”, aos mais velhos e aos mais novos, e me referir a Jaime Sodré não apenas como professor, mas também pelo que representa para nós e pelo que representa neste ato. Jaime Sodré tem mais uma tarefa na sua trajetória de vida, e eu estive presente a um ato importante quando o governador Jaques Wagner estava inaugurando o Salão de Eventos da Governadoria. Jaime então, na diplomacia e tranquilidade que lhe são peculiares, fez talvez uma das reivindicações mais duras colocando S.Ex^a na condição de dar provavelmente uma das respostas mais difíceis naquele momento. Foi exatamente cobrar - a palavra certa é essa - ou exigir a presença das baianas de acarajé na Arena Fonte Nova e no percurso demarcado como trajetória de interesse da FIFA aqui na Bahia, durante a Copa no Brasil.

Foi um ato importante, porque nós conhecemos os critérios implementados pela FIFA e a forma como é conduzido o regimento de implementação da Copa. E não podemos permitir que as baianas que simbolizam a Bahia e nos representam, dando-nos identidade e referência, não estejam lá presentes. Porque não é um tabuleiro! É a minha cara, é a cara de todos e de todas aqui presentes! É a minha presença, é a presença de todos e todas lá, (Palmas!) na atividade econômica. É a primeira atividade econômica que foi revolucionária, porque as baianas de acarajé, para cumprir os seus compromissos religiosos, descobriram que podiam ir além das obrigações religiosas, utilizando o ato como empreendedoras, buscando e capitalizando a luta. Porque foi com os tabuleiros que conseguiram recursos para a compra da alforria de escravos e escravas garantindo-lhes liberdade, financiando ainda o armamento e a reposição de gêneros alimentícios, entre outros, sustentando a luta nos quilombos.

E essa profissão, ou essa identidade, não é apenas um tabuleiro que pode ser substituído pela *merchandising* de uma *delicatessen* ou duma marca internacional. Ela tem de ser representada por quem, de fato, ostenta esse direito de representação, ou seja, as baianas e baianos que produzem e têm o direito de comercializar o acarajé. E não aqueles que utilizam o acarajé como veículo de captação apenas para aumentar os lucros dessas instituições. É por isso que é extremamente importante que essa tarefa seja conduzida da maneira como você vem conduzindo.



Quero saudar, ainda, a deputada Neusa Cadore, que aqui representa a Comissão de Direitos da Mulher, presidida pela deputada Luiza Maia. Elas vêm transformando essa comissão num dos grandes instrumentos das nossas lutas de afirmação da mulher nesta Casa e no nosso Estado.

E neste exato momento nós estamos com uma disputa, inclusive, no campo Justiça, porque a ação judicial não tem sido igualitária, conhecemos muito bem isso. Não vou entrar nesse tema, mas devo ressaltar o papel e a ação que essa comissão vem assumindo em defesa e no combate à violência contra a mulher.

Nesse contexto, não pode estar de fora o combate ao estupro. E aí não podemos permitir que o acusado por esse crime seja beneficiado pelo posto que ocupa nem pelo destaque que tenha; enfim, não aceitamos uma Justiça diferenciada. Ou seja, quando o estuprador for, por exemplo, um músico de uma banda famosa, ele tem de ter o mesmo tratamento que é dado a um jovem negro periférico. E também quando a vítima do estuprador tenha sido uma representante do Judiciário do nosso Estado.

Que a Justiça seja igualitária, que o criminoso seja punido pela ação da lei e não pelo que ele representa. E essa é uma bandeira que está sendo levantada aqui nesta Casa pela Comissão de Direitos da Mulher. E como membro da Comissão de Promoção da Igualdade quero respaldar essa luta.

Saúdo também a presença de Creusa, representante dos trabalhadores e trabalhadoras domésticos do nosso Estado, do nosso País. Na sua pessoa, Creusa, parabenizo a conquista da sua categoria – com a luta da deputada Benedita da Silva –, que passou a ter direitos constitucionais assegurados, a partir da aprovação da lei. Ainda há muito a se avançar, mas já é uma grande conquista.

Por fim, saúdo a vereadora que cumpriu uma tarefa importante na cidade de Salvador nos últimos meses. Ela não se abate, porque termina uma tarefa e já recomeça outra. Que esse brilho peculiar de rubro-negra, esse riso que não podia ser diferente de um riso negro, de alguém que sabe aonde quer e pode chegar. Olívia, saudações por este ato em que estamos discutindo a ação da mulher. Nossos cumprimentos e nossas referências por ter



você, mulher negra, na Câmara Municipal de Salvador travando batalhas. Todos nós somos testemunhas da importância dessas batalhas.

Na sua pessoa, Olívia, quero saudar todos os vereadores e vereadoras presentes. Estou vendo aqui vários vereadores de diversos municípios.

Mas vou reportar-me, brevemente, à violência contra a mulher negra. E o deputado Rosenberg colocou esse assunto muito bem na sua explanação, vou procurar não ser repetitivo até porque já me alonguei muito até mesmo nas apresentações. A preocupação nossa ao elaborar e construir esta audiência e esta sessão especial não era entrar no campo da lamentação de aqui discutir dados e números da violência a atentados contra a mulher e à mulher negra. Isso já vivemos no dia a dia, já estamos adaptados a conviver com isso. O que precisamos é mudar esse cenário, é criar um novo mecanismo.

A maior das violências implementadas contra a mulher foi a de invisibilidade da mulher negra. Essa talvez seja a que não é discutida porque ela foi incutida em todos nós. Quando lá atrás nos impuseram o embranquecimento com os rugos, com os ferros de cabelo, com a mudança dos trajes, com a proibição dos nossos hábitos e costumes, consecutivamente nos anularam no processo. Essa quase nunca é discutida como violência, mas ela é a mais marcante das violências, porque ela ocasionou o comodismo e a subserviência que permitiu que a mulher negra fosse usada e utilizada como instrumento para atender a interesse de quem a possuía. Lógico que não é essa a discussão que queremos porque aqui nesta sala, nessa Mesa, e poderemos listar muito mais, temos referências de mulheres que superaram esse preconceito, que venceram desafios e que aqui hoje representam esse processo de transformação. E é espelhado nessa transformação que queremos mostrar para centenas e milhares de mulheres que ainda estão mantidas na subserviência que é preciso a liberdade, é preciso transformar e é possível transformar pela participação e pela condução de todos e todas.

Quando nos dirigimos às pessoas sobre a violência e o atentado à mulher, não podemos nos dirigir apenas às mulheres. Por isso acho importante a presença hoje de muitos homens neste plenário discutindo a violência e o atentado à mulher. Por quê? Porque a maioria, mais de 80%, das violências físicas sofridas pela mulher e pela mulher negra



provêm de dentro da sua própria família, do seio do seu lar. E é deferida por homens que, irrigados ainda pela cultura machista e sustentados pelo poder da posse, acham-se no direito de agredir, de violentar.

Então, precisamos abrir esse debate cada vez mais presente no contexto não apenas nas reuniões femininas, mas no contexto da sociedade como um todo, independente de classe social, independente do poder econômico. A violência e o atentado à mulher não isentam nenhum dos setores. Eles pode ser mais ou menos aparentes, mas estão presentes em todos os setores do contexto e da sociedade. Por isso que é importante abrir essa discussão. É lógico que, quando falamos de violência à mulher, não podemos nos perder de vista que a violência e o atentado à mulher negra é muito maior do que o atentado e a violência contra a mulher não negra, isso atribuído a uma série de fatores que deve ser discutido como violência incluindo o contexto e a acessibilidade à educação.

Reabrindo a discussão em relação ao poder aquisitivo, são as mulheres negras que campeiam as estatísticas de desemprego e, quando empregadas, estão na faixa dos menores salários. Essa é a discussão que temos que travar: o processo de discriminação, consolidação e construção da oportunidade de transformar e de avançar.

Quando falamos do aspecto da saúde, são as mulheres negras que estão na faixa da desassistência total ou na assistência precária dos sistemas de saúde dos nossos municípios, do nosso Estado e do nosso País. Essa é a discussão que precisamos travar no setor da saúde.

Nesta Casa, entre os atos de comemoração do Dia da Consciência Negra, tivemos uma audiência para discutir a saúde da população negra. E quando abrimos o debate, a discussão, vimos que não apenas no contexto das doenças que nós negros estamos mais propensos a adquirir ou desenvolver, mas na assistência oferecida através das políticas assistenciais do Estado.

Quando falamos da saúde socioambiental, as mulheres negras também carregam o maior peso desse fardo, porque elas estão ocupando, vivendo, as áreas periféricas da nossa cidade, Rosemberg, sem infraestrutura, sem saneamento, entre outros aspectos.

Então quando abrimos esse processo de discussão é porque é preciso utilizar o dia de hoje como um dia de celebração, de comemoração pelo Dia da Consciência, mas também



para reafirmar a importância de fazermos a reflexão e construirmos estratégias para transformação.

O dia de hoje é de comemoração, não poderia ser diferente, mas ao comemorar também temos que convocar para uma nova frente de luta. E essa frente de luta não pode ser responsabilidade apenas das mulheres. Não dá para depositar nas deputadas estaduais desta Casa a responsabilidade de construir as políticas transformadoras e de afirmação da mulher. Não dá para esperar que a secretaria da Secretaria de Mulheres do Estado da Bahia possa construir o processo de transformação e implementar políticas afirmativas. É preciso que a sociedade incorpore esse processo de luta.

Não dá para acreditar e esperar que a transformação metodológica da Polícia Militar se dê apenas pela vontade de uma das policiais. É preciso que toda Corporação assuma esse processo de transformação.

E por fim, para não me alongar além do que já foi alongado, quero aproveitar para parabenizar, Rosenberg, todas as mulheres que serão homenageadas no dia de hoje, porque elas não estão sendo individualizadas num processo de conquista, elas são referências que representam setores estratégicos de nossa sociedade. E o destaque se dá pela necessidade de estarmos ressaltando e referendando para permitir que as novas e próximas gerações tenham um referencial diferenciado da história perversa que nos formou.

Na história em que fui educado, professor Zé Raimundo, não se falava em Maria Felipa. Eu a descobri na militância. Na história, não se falava em Zumbi. E eu poderia levar a tarde inteira destacando personalidades que não foram referendadas em nossa própria história, mas foram autores e construíram, Antônio Pitanga, a minha própria identidade – e por que não dizer? – a nossa identidade.

A nossa história não destacou os nossos heróis. Precisamos reescrevê-la destacando personalidades que vêm construindo novas páginas e vêm repaginando a história do Brasil, da Bahia – e por que não dizer? – a história do povo baiano e do povo brasileiro. Logicamente, entre as homenagens de hoje, Rosenberg Pinto já destacou todas. E para não citar todos os nomes, quero apenas dizer que, entre elas, temos, também, o título de cidadã concedido à baiana Bené ou Benedita da Silva, como assim foi conhecida no Brasil inteiro.



Quero dizer, Bené, que quando foi apresentado, nesta Casa, o projeto com o seu nome, tive uma grande surpresa, porque achei até que, pelo embate natural do Parlamento, a Oposição fosse fazer qualquer movimentação contrária por ser um nome do Partido dos Trabalhadores, não pelo seu nome Benedita da Silva, mas por ser uma deputada, um quadro nacional do Partido dos Trabalhadores.

A surpresa foi no tocante à aceitação, ao respeito e ao respaldo apresentado por todos os pares desta Casa. Para nós, isso é fundamental e importante. (Muitas palmas) Isso reafirma, para todos nós, que a referência que a senhora construiu, em sua história de vida, não lhe pertence mais, mas pertence ao povo brasileiro. E, com muito orgulho agora, sua história pertence ao povo baiano por ser, também, mais uma querida baiana. (Muitas palmas)

Nós vamos usando o tempo e não nos damos conta. Mas quero encerrar, de fato, convidando o professor Jaime Sodré para que ele apresente para todos nós uma carta que o deputado Rosemberg Pinto provocou em sua fala inicial. Nós a avaliamos como importante para que possamos sair desta Casa referendando.

Aproveitando a presença do meu presidente estadual, Jonas Paulo, quero reafirmar que sejam mantidos o respeito à baiana e aos baianos de acarajé. Espera-se que o direito constitucional de exercer sua profissão não fique apenas em falácias. Espera-se que a Fifa e a Federação Brasileira de Esportes possam compreender que a Bahia é diferente, pois há coisas que só existem aqui. E, entre as coisas que só existem na Bahia, quanto a uma delas, nós não abrimos mão de jeito nenhum: é a presença de nossas baianas autênticas desenvolvendo suas atividades laborais. É a baiana de acarajé quem faz e comercializa o acarajé. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Muito obrigado, deputado Bira Corôa.
(Não foi revisto pelo orador.)



4273-II

Ses. Esp. 22/11/12

Or. Jaime Sodré

Dia da Consciência Negra e Título de Cidadã Baiana à Dep. Federal Benedita da Silva.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Com a palavra o nosso professor Jaime Sodré.

O Sr. JAIME SODRÉ:- Inicialmente, gostaria de pedir licença para fazer uso da palavra dentro da minha tradição religiosa a mãe Cecília, que me dê força no dia de hoje, dia forte de Oxóssi, para que eu desempenhe bem minha tarefa.

Benção, minha mãe!

Em segundo lugar, quero fazer uma retificação, na medida em que os deputados Bira Corôa e Rosemberg Pinto, que são meus amigos, declararam “que o meu confronto com o governador foi carinhoso, eu o respeito muito, é meu amigo, mas apenas solicitei que ele comesse o acarajé comigo dentro do Estádio da Fonte Nova, o meu, sem pimenta, e o dele, pelo cargo que ocupa, com bastante pimenta”. A ideia foi essa.

Estou aqui, mais uma vez, para fazer outra retificação. Não é justo, inclusive eu, na condição de historiador, fazer a defesa desse projeto sozinho. Quero pedir à Mesa que me coloque na minha posição de auxiliar de baiana do acarajé, aquele que carrega tabuleiro e bujão de gás, para chamar aqui a verdadeira lutadora por esse feito, que é a minha querida presidente, Rita, que deverá ficar aqui ao meu lado, para que você saibam que lá em casa quem manda é a mulher. A minha nação jeje é apenas liderada por mulheres.

Se a senhora me permitir. Gostaria de ler ou eu leio?

A Sr^a Rita Sampaio:- Não, o senhor vai ler.

O Sr. JAIME SODRÉ:- Senhor, não. Seu amigo.

A Sr^a Rita Sampaio:- O meu amigo lerá, em nome de todas as baianas, essa grande defesa que ele vem fazendo, porque, até agora, o que temos são palavras, nada oficial. O que é oficial até agora é que a FIFA diz que fez uma licitação, e a resposta dessa licitação sai daqui a duas semanas. Isso é oficial.



O Sr. JAIME SODRÉ:- Eu gostaria de dizer que a minha participação nesse episódio foi como membro do Conselho de Cultura, e dar um parecer favorável, para que a profissão de baiana fosse reconhecida com de notório saber, e a partir daí ser protegida pelo Estado contra qualquer tipo de interferência, quer de autoridades ou firmas estrangeiras. Digo mais, já sinto melhora nesse relacionamento, e acredito que o mundo sabe, a deputada Benedita, que já é baiana sabe perfeitamente que o prato do baiano é o acarajé.

Então, A FIFA não se atreverá a dizer que aqui rola a bola e não rola o azeite. Aqui é a terra do *epô*, é a terra do azeite.

Quero agradecer ao deputado Bira Corôa, meu irmão, meu amigo; ao deputado Rosemberg Pinto, que me viu menino na feira. Faço isso carinhosamente, porque eles são meus amigos.

Quero cumprimentar a deputada Benedita, a quem fui encarregado, por D. Lúcia, dona do patrimônio, para lhe dar uma abraço, já o fiz lá. Também ela me autorizou, vou fazer de longe, a dar um abraço no príncipe consorte, meu irmão Antônio Pitanga. Está dado o abraço.

(Lê) *“Do ponto de vista histórico, a comercialização do acarajé se inicia no período da escravidão com as mulheres negras chamadas "escravas de ganho", esta atividade era realizada nas ruas e administradas por senhoras na venda de quitutes nos seus tabuleiros.*

Este comércio, realizado nas ruas de Salvador, permitiu a muitas mulheres escravas o sustento de suas famílias. Como também a muitas filhas-de-santo começarem a vender acarajé, no cumprimento de obrigações religiosas.

O ofício da Baiana do Acarajé, é uma prática tradicional de produção e venda, em tabuleiro, das chamadas comidas de baiana, feitas com azeite de dendê e ligadas ao culto dos Orixás.

A partir da segunda metade do século passado, as Baianas de Acarajé passaram a serem reconhecidas e valorizadas nacionalmente, tornando-se um "ícone da cultura imaterial soteropolitana e brasileira" Contemporaneamente, está atividade também era realizada no interior do Estádio Otávio Mangabeira, hoje Arena Fonte Nova, integrando-se



a pratica de assistir um jogo de futebol, onde baianas realizavam regulamente as suas atividades, atendendo aos torcedores, com um elemento alimentar tipico da tradição futebolística baiana, ou seja, futebol e acarajé.

Recentemente houve o pedido de Registro do Oficio das Baianas de Acarajé no Livro Especial dos Saberes do Estado da Bahia, pela ABAM- Associação das Baianas de Acarajé e Mingau do Estrado da Bahia, cujo pedido foi acatado.

Justificava esta solicitação por ser o Oficio das Baianas de Acarajé já um Bem Imaterial registrado em livro dos Saberes do IPHAN.

Deste modo e algo impensável a ausência deste simbolo de baianidade gastronômica afro e brasileira do espaço onde elas ocuparam por muito tempo, integrada ao ambiente esportivo.

Certo de contarmos com a atenção dos senhores: solicitamos o vosso empenho no sentido de manter esta tradição que se afirma como referencia do ato de ser baiano, acolhedor e receptivo”.

A baiana de acarajé tem seu lugar nas ruas de Salvador e em especial dentro de um estádio, onde ela ajudou a saciar a nossa fome e a nossa baianidade.

Quem for a favor dessa proposta, por favor, mantenha-se atento à luta. Deputados Bira e Rosemberg farão chegar às demais instâncias esse nosso desejo.

Concluindo, minha irmã Rita, deputado Bira Corôa, deputado Rosemberg Pinto e agora uma baiana no plano federal, deputada Benedita, levará a receita para aquele Congresso nosso, para que também entre na luta.

Dentro do estádio da Fonte Nova queremos o quê? Acarajé (todos respondem).

Axé! (palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Ord. 22/11/12

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Obrigado, professor Jaime.

O objetivo dessa carta é fazer com que ela fosse lida aqui e consolide uma posição, que ainda está na palavra, sobre a participação do nosso querido acarajé na Arena Fonte Nova, no período das atividades da Copa do Mundo.

Gostaria de saber se todos aqui concordam, tanto as pessoas quanto as instituições, em subscrever essa carta para que possamos, aprovando isso aqui, submeter ao Plenário para, em seguida, encaminhar para as instituições, como Ministério dos Esportes, Presidência da República, governo do Estado da Bahia.

Aqueles que concordam com a subscrição dessa carta, permaneçam como estão.
(pausa) Aprovado. (palmas) Vou seguir o rito da Casa.

Quero registrar a presença da deputada Maria del Carmen.

Quero saudar o irmão Francisco, vice-prefeito de Juazeiro; Cleusa Santos, presidenta do Sindomésticas da Bahia; Amélio Bispo, presidente da Associação de Chagas de São Paulo; Marcos Maurício, presidente do Sindpoc; Raimundo Lima, presidente da Assembleia Geral dos Empresários Brasileiros em Angola; Agnaldo Silva, presidente do Filhos de Gandhi; meu querido presidente Jonas Paulo, presidente do Partido dos Trabalhadores.

Quero anunciar a presença do deputado Yulo Oiticica; Ives Pires, coordenador da Promoção da Igualdade Racial da prefeitura de Camaçari; vereadores Carlos, de Caldeirão Grande, Sérgio, de Jandaíra, meu querido Marcos Rezende, do CEN, que já me pediu para fazer esforços junto à Petrobras para que mantenha a participação na caminhada pela liberdade, pela vida e pela liberdade religiosa. Marcos, vamos fazer isso.

Deixe eu ler, minha querida Benedita, a nossa senadora Lídice da Mata manda aqui uma mensagem ao presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, deputado Marcelo Nilo:



(Lê) *“Saúdo os parlamentares desta Casa, e; em especial, os deputados Bira Coroa e Rosemberg Pinto, pela iniciativa de conferir à deputada federal Benedita da Silva o título de Cidadã Baiana em meio às celebrações do Dia da Consciência Negra.*

Por sua condição de mulher e favelada e principalmente por ser negra, Benedita vem desenvolvendo um relevante trabalho de combate a todo tipo de preconceito e discriminação contra a população negra em nosso país.

Nós baianos, orgulhosos de nossa origem, sentimo-nos honrados em poder, finalmente, acolher a atuante deputada carioca como nossa conterrânea. Sem dúvida esta é uma justa e merecida homenagem.

A Bahia recebe de braços abertos esta ilustre filha do Rio de Janeiro. Seja bem vinda Benedita a esta casa que é minha, é sua, é nossa, a casa do Povo!” (Palmas)



4274-II

Ses. Ord. 22/11/12

Or. Cecília Conceição Soares

Dia da Consciência Negra e Título de Cidadã Baiana à Dep. Federal Benedita da Silva.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Convido a Yalorixá e doutora em Antropologia, a professora Cecília Conceição Soares, que vai falar, aqui, sobre a violência contra a mulher negra.

A Sr^a CECÍLIA CONCEIÇÃO SOARES:- É com muita emoção que inicio algumas palavras, caso contrário levaríamos o dia todo e talvez vários dias para falar deste momento, deste dia e desta surpresa ao mesmo tempo. Peço licença a todo o povo de santo e, como de praxe, também peço a benção aos mais velhos.

Devo iniciar seguindo uma certa formalidade, de acordo com as normas da Casa. Cumpre-me iniciar agradecendo ao ilustre do deputado Bira Corôa, pelo convite enviado através do seu gabinete. Agradeço a Cosme e Jorge que estenderam, portanto, a gentileza; ao deputado Rosemberg Pinto e a todos desta Casa. Agradeço também a oportunidade de estar sentada em seleta Mesa e a oportunidade de estar próxima da deputada federal Benedita da Silva, que muito me encanta enquanto representação da mulher negra na contemporaneidade.

Ela, paradoxalmente aos lugares predestinados historicamente as mulheres negras, representa para todos nós aquela que personifica, luta, supera obstáculos e reage aos lugares predestinados a mulher, pensados de acordo com a mentalidade escravista e patriarcal. Deputada, muito obrigada por fazer parte da nossa história, particularmente agora que torna-se baiana, como já disse Jaime e todos que passaram por aqui. Tenho certeza de que, através dos seus passos, muitas outras mulheres também chegarão ao status de poder.

As estimativas dizem o contrário, mas eu não me canso de pensar para o futuro, para mais adiante. Porém, algumas situações alarmantes, críticas e extremamente graves nos fazem organizar lutas e movimentos em prol da libertação da mulher negra e da promoção social da mulher negra, particularmente na Bahia, em Salvador, e em áreas do Recôncavo. Devo ter, portanto, como referência a sua brilhante história de superação das barreiras socialmente constituídas, e não é a toa que é assim a nossa homenageada.



Sua trajetória pessoal bem pode representar as esperanças das milhares de mulheres negras, cujos direitos civis e humanitários foram negados, vilipendiados pelo Estado e pelas mentes incultas alinhadas com os raciaismos e uma economia que expropria, quando não mata.

Mulheres muito próximas das por mim encontradas em fontes primárias no Arquivo Público da Bahia para o século XIX, mulheres negras, ganhadeiras, mulheres pardas, mestiças, com tabuleiros fixos ou ambulantes, vendendo para o sustento da família. Mas também para juntarem, a partir daqueles trabalhos, alinhado com o pensamento escravista, pecúlio, poupança para compra de alforria, para adquirir objetos de pequenas fortunas. De fato, poderiam ali não representar uma classe social, mas a luta dispersa, mais ou menos organizada, de famílias de muitas mulheres negras. Principalmente no ganho ou de forma sutil no ambiente doméstico, levaram as mulheres que na República, ainda que continuassem em lugares plissados pela escravidão, reagiam tal qual aprenderam com suas mães, com suas avós escravas, no período escravista, portanto.

Ainda que no período republicano, pelo menos na sua primeira grande parte, seu grande período, não tivessem o reconhecimento desse Estado, não ficaram à margem dessa história e promoveram as suas próprias histórias, edificaram as suas identidades ou reorganizaram identidades que aparentemente dispersas serviram como reforço para que pudessem, então, sobreviver à violência psicossocial gerada por um Estado opressor. Mas não se enganem, continua sendo opressor até então!

Também vivenciadas por mim ao longo da minha vida, adolescência e infância, agora estudadas. Convivendo com essas mulheres, tive a oportunidade de ouvir as narrativas das suas histórias, evidenciando as estratégias de sobrevivência, se desvencilhando das construções perversas e de lugares socialmente legitimados.

(Lê) *“Mulheres que responderam à violência senhorial ou de seus pares sociais, e que muitas vezes depositaram as esperanças de ultrapassarem os lugares economicamente definidos em seus filhos e parentes, geração seguinte ao pós abolição. De fato, se tornou 'o sonho de Etelvina' e na ancestralidade acompanham a vida das milhares de mulheres negras e pardas excluídas da sociedade ou vivendo à sua margem. Somamos em Salvador quase 3*



milhões de habitantes e mais de 50% são mulheres sendo que mais de 40% dessa população são negras e pardas, ainda representativas nos trabalhos domésticos, como foi dito aqui, subalternos e sem qualificação. Sua baixa escolaridade veta a possibilidade de alcançarem um melhor status social, o não preenchimento de requisitos básicos calcados numa educação qualificada, considerando a realidade social dessas mulheres subtrai a chance de galgarem posições de trabalho melhores. A ineficácia ou inexistência de políticas para mulheres negras em situação de vulnerabilidade social, acaba por empurrá-las para a marginalização e mesmo a criminalidade influenciam profundamente. Embora o fator educacional não possa ser tido como principal motivo para as transgressões. Para além do recorte educacional, existem as questões referentes as relações inter-gênero: as negras recebem duas vezes menos em relação às mulheres mais claras. São dados alarmantes. Apesar de todo o movimento feminista e a inserção de mulheres na vida política, as mulheres negras ocupam as posições desprivilegiadas, apesar das conquistas de direitos civis. Nem por isso, as negras estão, numericamente, bem representadas na política, então, deputada, a senhora permanece a referência política em sua trajetória no Congresso e, agora, junto a nós.

A expectativa de vida das mulheres negras é de, mais ou menos, 66 anos, pois são vitimadas pelas péssimas condições de vida, trabalho e assistência à saúde. Elas morrem, relativamente, cedo por conta de doenças como diabetes, miomas, partos, HIV-AIDS e outras mais. A cada um minuto, quatro mulheres são agredidas, em sua maioria, por homens com quem mantiveram relações afetivas. Se olharmos o quesito cor, as mulheres negras e pardas são as que mais denunciam, porque são as mais violentadas.

Vivemos tempos de uma “pseudoequidade” entre homens e mulheres, o recorte racial é fato e revela a complexa relação entre cor e classe. Oxalá que, na Bahia, particularmente em Salvador, áreas do Recôncavo e Baía de Todos os Santos, há espaços, nitidamente, marcados pelo referencial de cores entre a população e os espaços ocupados, em sua geografia ou em sociedade de classes, possam partir de uma política comprometida e contínua que perpassem as vaidades individuais e partidárias podendo, assim, construir relações bem menos desiguais, que não nos saltem aos olhos quando nos deparamos com



estatísticas dos altos índices de casos violências: física (um recorte para a violência sexual), moral, religiosa, psicológica e patrimonial contra mulheres de um modo geral mas, sobretudo, contra as mulheres negras e pobres.”

Eu poderia levar o dia todo, como já disse, falando de cada modalidade dessas violências. Este é, apenas, um espelho das dificuldades e dos obstáculos que terão de ser transpostos para que as mulheres negras, não só na Bahia mas no Brasil, possam ter uma participação social mais digna, menos delineada pelo requisito cor ou por serem pobres. Sendo assim, esta é a oportunidade, também, de endossar todas as solicitações ou lutas organizadas de grupos maiores ou menores, pouco importa, para que possamos, então, dar o nosso grito.

Para além de um grito de dor e para além de um grito que se refere apenas às lutas do passado, temos de enfrentar a contemporaneidade e seus desafios no que diz respeito às relações de gênero, cor e classe social.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Muito obrigado, professora Cecília.

(Não foi revisto pela oradora.)



4275-II

Ses. Esp. 22/11/12

Or. Luiza Maia

Dia da Consciência Negra e Título de Cidadã Baiana à Dep. Federal Benedita da Silva.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Queria registrar as presenças de Pedro França, diretor da Federação dos Ferroviários da Bahia e Sergipe e do vereador Marcos Fazendeiro de Itanagra, Bahia.

Estamos aguardando a chegada do presidente Marcelo Nilo para que possamos fazer a entrega do Título de Cidadã Baiana para demonstrar a importância e a valorização deste título para nossa querida Benedita da Silva.

Neste momento, enquanto o deputado Marcelo Nilo dirige-se a este plenário, gostaria de passar a palavra à deputada Luiza Maia, presidenta da Comissão de Direitos da Mulher desta Casa. Gostaria de que você fizesse uma breve saudação, porque você é orgulho desta Casa.

A Sr^a LUIZA MAIA:- Boa-tarde a todas e a todos. Quero saudar a Mesa em nome da ilustre visitante, a querida e amada Benedita da Silva. Sou sua fã, admiro-lhe muito e me espelho em seu exemplo.

Rosemberg, eu não estava preparada para fazer uso da palavra, mas quero dizer da minha satisfação com o fato de a Bahia estar homenageando essa grande lutadora. Quero falar também da minha solidariedade para com a luta dos negros. Sou uma feminista de carteirinha, tenho uma história de muitos anos de luta. Precisamos ter realmente um olhar diferente com relação à luta da mulher negra.

Eu estava conversando com a nossa policial que se a gente for pensar que se há 80 anos não tínhamos direito de estudar, de votar, de casar com quem a gente quisesse, era tudo obrigado e nós não existíamos como seres humanos, hoje já conquistamos muito. Mas não podemos deixar de reconhecer que a nossa estrada para chegarmos à igualdade, ao resgate da nossa cidadania plena ainda é longa e larga. Mas sou uma otimista, acho que temos conquistado muito. Depois que a sociedade, que as mulheres tomaram consciência de sua força, as coisas têm melhorado bastante para nós.



O nosso presidente já chegou. Quero saudá-lo e dizer a todos e a todas muito obrigada e contem comigo.

Aprovamos aqui nesta Casa um projeto que ajuda muito no resgate do respeito à mulher, de forma muito especial aqui na Bahia, e sei da colaboração que todos nos deram. Hoje é uma lei, a Lei Antibaixaria existe, está aí. Estamos enfrentando uma outra batalha que é a batalha contra os estupradores das meninas de Rui Barbosa que querem voltar aos palcos. Estamos dizendo em todo canto que eles precisam voltar para cadeia para pagar pelo crime que cometeram, porque não é justo essa inversão de valores.

Muito obrigada a todos. Um beijo, Benedita (palmas).

(Não foi revisto pela oradora.)

**DL-03****Ses. Esp. 22/11/12**

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de pedir desculpas ao deputado Bira Coroa, autor dessa proposição, e ao nobre deputado Rosemberg Pinto. Infelizmente, não pude fazer a abertura dos trabalhos, porque estava no Rio de Janeiro, em uma audiência com o presidente do meu partido. Fiz o possível para chegar a tempo para entregar o título de cidadã baiana à ministra, senadora, ex-governadora, deputada federal, Benedita Souza da Silva Sampaio, essa figura que todos nós baianos admiramos e respeitamos.

É uma semana especial para esta Casa, semana da Consciência Negra, semana que tivemos a honra e o prazer de lançar três livros de três figuras, pessoas que fizeram história na Bahia: Juliano Moreira, que aos 14 anos passou no vestibular, aos 18 anos formou-se em medicina e aos 23 anos de idade já era professor da faculdade. Clarindo Silva, porque quando falamos do Pelourinho, falamos do Centro Histórico, não podemos deixar de falar da história de Clarindo Silva. Professor Milton Santos que foi baiano que recebeu diversos títulos internacionais pelo seu conhecimento em geografia, pela sua história. E hoje o Brasil está comemorando a posse de um presidente do Supremo Tribunal Federal, o ministro Joaquim Barbosa, um negro.

Portanto, nós homens públicos ficamos felizes porque cada vez mais a discriminação está, eu diria, acabando. Esta Casa, que é a Casa do Povo, a Casa das Leis, nós recebemos todos os movimentos sociais da Bahia. Recebemos aqui os negros, os gays, as mulheres, os índios, os empresários, os professores, todos os segmentos da sociedade que necessitavam de um espaço político para que pudessem levar as suas propostas à sociedade e o conhecimento das suas reivindicações esta Casa esteve aberta.

Portanto, vivemos novos tempos – ator Antônio Pitanga, que nos honra muito com a sua presença –, vivemos aqui na Bahia novos tempos. Vivemos um governo democrático, um estado de direito, vivemos uma Bahia livre e vivemos uma Bahia que é a terra mais negra do Brasil, ficamos felizes porque os baianos, cada vez mais, na luta pela igualdade, não só econômica como racial, social, todos nós estamos envolvidos.



Portanto mais uma sessão especial, proposta por esse valoroso deputado, o deputado Bira Corôa, que, apesar de estar no seu segundo mandato, se torna um dos deputados mais atuantes do Parlamento na luta daqueles que necessitam do apoio da sociedade para que possamos cada vez mais ter um país, um Estado livre, um Estado de todos, todos com os mesmos direitos e com os mesmos deveres.

Deputado Rosemberg Pinto, essa figura que apesar ser o primeiro mandato, é também um deputado muito valoroso, atuante, respeitado, querido, assíduo, que faz um trabalho que parece um veterano.

Portanto, neste momento especial para mim como presidente desta Casa, vou convidar o ator Antônio Pitanga, esposo da homenageada para, juntamente com os deputados Bira Corôa, Rosemberg Pinto, e eu gostaria de convidar as deputadas Luiza Maia e Maria del Carmen, juntos, entregarmos o Título de Cidadã Baiana à deputada federal Benedita da Silva Sampaio (Palmas).

(É feita a entrega do título.)(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Vou pedir desculpas, pois terei que me retirar para participar de uma solenidade na Academia Baiana de Letras, porque hoje o escritor João Ubaldo Ribeiro vai se tornar acadêmico.

Então, antes de passar a palavra à baiana Benedita, governadora, ministra, senadora, deputada federal Benedita da Silva, passo os trabalhos ao deputado Bira Corôa, agradecendo a todos vocês, porque nos honra muito este momento, um momento especial. Temos aqui a figura do ator Antônio Pitanga, que é baiano, não é? Tive o prazer agora de saber que é baiano...

(O Sr. Antônio Pitanga fala fora do microfone.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Do Pelourinho?! Cineastrá, ator, aluno de Mestre Pastinha. Portanto, é uma alegria enorme para todos nós.

Esta Casa é muito rígida na aprovação de Título de Cidadão Baiano. Mas o deputado Bira Corôa, num momento ímpar de muita lucidez, apresentou esse título para a deputada federal Benedita da Silva. Naquela oportunidade, lembro-me de que dispensamos o



currículo, porque a Bahia sabem que Benedita é uma figura das mais respeitadas no Brasil. E esse título foi aprovado por unanimidade, numa votação secreta.

Portanto, nós baianos estamos cumprindo o nosso papel de ter mais um baiano. Porque a Bahia, que é de Pitanga, de Mangabeira, de Anísio Teixeira, de Jorge Amado, de Ivete Sangalo, de Daniela Mercury, de Gilberto Gil, de Caetano Veloso, de Jaques Wagner, da nossa Mãe Menininha de Gantois, agora também é de Benedita da Silva. (Palmas)

Passo a presidência dos trabalhos ao deputado Bira Corôa, para que encaminhe o andamento dos trabalhos. E assim possamos ouvir as palavras da nossa querida baiana, deputada federal Benedita da Silva.



4276-II

Ses. Esp. 22/11/12

Or. Benedita da Silva

Dia da Consciência Negra e Título de Cidadã Baiana à Dep. Federal Benedita da Silva.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra à mais autêntica e recente baiana, Benedita da Silva, deputada federal, ex-governadora do Rio de Janeiro e ex-ministra. (Palmas)

A Sr^a BENEDITA DA SILVA:- Boa-noite a todas e a todos. Comprimento o Sr. Presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, deputado Marcelo Nilo, o Sr. Bira Corôa, proponente deste Título de Cidadã Baiana; o deputado Rosemberg Pinto, proponente desta sessão; a Sr^a Secretária de Políticas para as Mulheres, Vera Lúcia Barbosa; a coordenadora do Centro Maria Felipa, tenente Bruna; o subsecretário municipal de Reparação, Edmilson Sales; a ialorixá e doutora em Antropologia, professora Cecília Conceição Soares; o vice-presidente do Conselho Estadual de Educação, professor Sérgio Guerra; o professor e membro do Conselho Estadual de Cultura, Tata Xicarongoma Jaime Sodré; a presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores Domésticos, nossa companheira Creusa Oliveira; a deputada Neusa Cadore, representando a Comissão dos Direitos da Mulher da Assembleia Legislativa; Sr^a Vereadora e companheira Olívia Santana; senhores e senhores, autoridades civis, militares e eclesiásticas, quero manifestar neste momento a minha alegria em poder estar recebendo tal honraria.

Realmente, é emocionante para alguém que sempre cultivou no seu coração, sem nenhuma demagogia, um carinho muito especial por esta terra, por ver nela o coração do Brasil negro, por ver nela aquele estado, que para mim é um país de referência, no qual deveríamos travar todas as lutas e fazer com que possamos estar diante de um novo quadro para que não precisássemos mais lutar por nenhuma outra política de cotas ou coisas dessa natureza, porque estaríamos em nosso País, o nosso Brasil de negros, de brancos e de indígenas.

Mas este é um estado que comove, que move numa outra perspectiva religiosa. É o estado já dito aqui do óleo, e para mim é o óleo da unção. É aquele que vai fazer com que



ungir da cabeça aos pés deixe transbordar alegria do interior e que nós possamos, em nossa trajetória, caminhar com toda a força, toda a energia, com muita fé em Deus! E, travadas as batalhas, sermos vitoriosos.

Agradeço muitíssimo a esta Casa e ao meu companheiro Bira Corôa por estar aqui e, neste Poder, ter tido a iniciativa da proposta para eu receber o carinho, a manifestação, o respeito de todos os seus pares, deputadas e deputados, de todos os partidos.

É para você também, Bira, esta honraria, porque certamente os seus pares a veem com muito respeito e muito carinho numa Casa em que divergem, às vezes com elegância, dureza, firmeza, convicção, mas sobretudo com a responsabilidade de buscar em nós mesmos uma referência para que possamos numa caminhada, numa trajetória, ainda que com tropeços, chegar a um denominador comum.

Esta é uma Assembleia em que as ideias, os diálogos prevalecem para que possamos chegar a uma conclusão. E ela chegou a uma conclusão. Devemos conceder a Benedita da Silva, ou melhor, Benedita Sousa da Silva, do meu Sampaio, o Título de Cidadã Baiana. Eu agradeço a Deus, a esta Casa e a todos vocês, baianas e baianos. O meu coração está transbordante.

Quero dizer para ti, companheiro deputado Rosemberg Pinto, que tem parceria com o meu querido companheiro nessa honraria, no Dia da Consciência Negra, para prestar também homenagem a essas mulheres guerreiras e valorosas, que nós temos nos orgulhado de olhar e ver que são batalhadoras e lutadoras. Elas merecem, todavia, mais do que as nossas homenagens, o nosso compromisso de fazer com que deixem de ser violentadas, marginalizadas e ocupem os seus lugares merecidamente. (Palmas!)

Esta sessão especial promovida por V.Ex^a nos traz aqui cheios de emoção para dizer que, no século de subordinação dessas mulheres que há décadas e décadas foram violentadas fisicamente, moralmente e psicologicamente, elas encontram, a partir da década de 1970, mais visibilidade. Visibilidade para denunciar; para se organizar e para exigir, rompendo a barreira do silêncio, fazendo com que nós pudéssemos colocar um pouco o medo cultural de nossas trajetórias e buscar, sem dúvida, no papel de que nos subordinaram também da culpa e da vergonha. E poder, dizer, denunciar e buscar o nosso devido lugar. É



nessa consciência negra de que nós nos vamos ver com nosso perfil. É nessa consciência negra de que nós reconhecemos ainda que o Estado brasileiro de direito deve-nos ainda direitos. É por isso que nós buscamos estar defendendo causas específicas, porque ainda precisamos fazê-la, seja no campo do trabalho, seja na liberdade religiosa, seja no fato de que temos que defender sobretudo uma beleza negra que ainda não encontra espaço fisicamente para que possa ser referência e tenha projeção.

É disso que estamos falando, dessa consciência de que não temos medo agora, dizer que ela é violentada a cada dia quando precisamos denunciar o estupro, a violência das drogas a que está submetida a nossa juventude, porque nos faltam ainda no processo de inclusão oportunidades que nos levem a acreditar em nós mesmos. E saber que a cor da nossa pele, que o nosso gênero não podem ser determinantes para que possamos ficar como sempre estamos quase numa situação de miséria absoluta.

Nesses dias, podemos comemorar grandes avanços, grandes vitórias e grandes conquistas com suor, com lágrimas, mas precisamos efetivar a nossa autonomia econômica das nossas mulheres negras, seja com nossos tabuleiros, seja sem os nossos tabuleiros, mas são fundamentais e importantes nas nossas relação de trabalho. E ontem tivemos uma pequena vitória, numa segunda etapa de um momento em que estamos travando, - e a Creuza sabe muito bem – há décadas e décadas, para reconhecer legitimamente que um trabalho ilegal e escravo acontece neste Brasil, com mais de sete milhões de mulheres e homens, que é o trabalho doméstico. Foi isso que ontem votamos lá. Foi isso que estamos procurando verdadeiramente fazer. É por isso que a nossa igualdade de direitos deve ser buscada a cada dia. Não podemos ficar vulneráveis, não é um problema nosso, de mulher negra, ou de homem negro, é um problema da sociedade brasileira, pela qual todos somos responsáveis e incluídos. Por isso que falamos que a nossa consciência negra acontece todos os dias em todo momento.

Esta sessão especial nos dá a oportunidade de soltar a nossa voz e dizer que ainda não estamos totalmente livres, porque onde estiver um oprimido, uma oprimida, ali estarão as nossas vozes dizendo: “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós!” É isso que nós estaremos fazendo!



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

Muito obrigada por este título, agradeço à famosa Bahia.

(Não foi revisto pela oradora.)



4277-II

Ses. Esp. 22/11/12

Or. Edmilson Sales

Dia da Consciência Negra e Título de Cidadã Baiana à Dep. Federal Benedita da Silva.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero convidar a Banda Didá que vai abrilhantar este momento com um pouco de música para complementar a nossa cultura afro e as nossas origens ancestrais, regam e regram com a música, com a comida e com afeto. Não poderia ser diferente neste momento.

Enquanto a Banda Didá não entra, aproveito para registrar a presença de representantes da Secretaria do Desenvolvimento Social e Combate a Pobreza, Projeto Ver de Trem e Ame Brasil.

Quero aproveitar para destacar os deputados federais Amaury Teixeira e Luiz Alberto, que mandam um abraço muito forte a Benedita e expõem a satisfação de ter mais uma baiana de luta na representação na nossa bancada federal.

Vamos agora ouvir a Banda Didá.

(Apresentação da Banda Didá.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nossos agradecimentos se dirigem à Banda Didá, Salvana Lima, Vaneide Nascimento, Andressa Souza, Viviane Santos, Diane Jesus, Fernanda Araújo, Lucila Brito, Dora Vanessa e Márcia Nascimento. (Palmas) Recebam, aqui, os nossos agradecimentos.

Registramos, ainda, as presenças de Floriano dos Santos, Terreiro Olga da Araketu; do Ogã Antônio Cosme, do Terreiro do Cobre, nossa satisfação, irmão; Altamira Simões, do Ilê Axé Aladen; ao Coletivo de Entidades Negras; ao Terreiro de Jauá; ao Fórum Estadual de Religiões de Matrizes Africanas; ao Movimento Negro Unificado, Unegro; ao Conen; ao Movimento Negro de Camaçari; ao Centro de Estudos e Pesquisas das Tradições de Origem Banto; ao Sindoméstico e a Aban.

Aproveitando o momento, concederei a palavra ao próximo orador para abrir uma saudação breve, porque a gente ainda tem muitas homenagens a serem feitas e temos, também, o Grupo Cultural do Bairro da Paz que fará uma apresentação para todos nós.



Concedo a palavra ao Sr. Edmilson Sales, subsecretário de Reparação do município de Salvador.

O Sr. EDMILSON SALES:- Garanto que serei breve, nobre deputado, até porque há jovens e crianças aqui no recinto que querem chegar mais cedo em casa.

Na realidade, faço, aqui, duas representações, quais sejam, represento, aqui, Maria José Sales dos Santos, minha mãe, negra, que, neste momento, está em casa e deve estar assistindo à novela e a Semur, Secretaria Municipal da Reparação, representando o secretário Ailton Ferreira.

Deputados Bira Corôa e Rosemberg Pinto, acho que vocês acertaram muito em fazer esta grande homenagem nesta noite à nossa deputada federal Benedita da Silva que, hoje, além de carioca, é baiana.

Faço o paralelo entre esta discussão da violência contra a mulher negra e brasileira. Eu acho esta uma oportunidade muito apropriada, porque esta Casa discute a vida do nosso estado. Logicamente, esta agenda não pode passar despercebida. Não é isso, professor Jaime Sodré? Então, eu acho que, a cada instante, a cada momento, a cada evento político que houver nesta Casa, há de se pensar e refletir sobre a situação das mulheres, principalmente das mulheres negras que sofrem violência neste estado e neste País.

Eu não entendo por que isso acontece se o país está mudando, se nós conseguimos, hoje, nos comunicar, através de um aparelho celular nas mãos, com alguém que está no Japão e nós somos obrigados a conviver com esse tipo de, vamos dizer assim, legado negativo do atraso de uma sociedade que, acredito, seja pensante.

Então, já é hora de nós nos libertarmos deste fardo, principalmente nós, homens, pois somos machos e devemos amar a mulher, dar carinho e respeitar.

Gostaria de encerrar. Ali sentado, observei que todos os que passaram por aqui não olharam lá para cima e não chamaram a atenção para aquela turminha sentada lá em cima. (Muitas palmas) Quero dedicar a esta turma o futuro e a garantia de um Estado democrático, que venha ser, realmente democrático, uma República para vivermos em estado de felicidade depende de vocês. Continuem estudando, tratem sua professora com devotamento, com amor e carinho, porque eu tenho certeza que a professora e o professor de vocês vão levá-los a um



destino que é só maravilha, que é o conhecimento, a paz, a riqueza. Vocês vão encontrar a riqueza através dos professores. Então, quando chegarem nas suas escolas vamos considerar nosso segundo pai, nossa segunda mãe, o professor e a professora. Estamos precisando disso nas escolas públicas, principalmente em nosso Estado.

Eu e Jaime Sodré, temos feito um trabalho na nossa escola Henriqueta Catarina, e estamos preocupado com isso. Então, precisamos preservar esse espaço que pode nos levar a uma vida melhor.

Para encerrar, quero deixar aqui essas palavras e dizer que precisamos, sim, nos libertar desse fardo do atraso e viver com paz, harmonia e amor entre as pessoas. É uma palavra com quatro letras simples: amor. Vamos dedicar o amor uns aos outros que, com certeza, encontraremos a felicidade.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



4278-II

Ses. Esp. 22/11/12

Or. Olívia Santana

Dia da Consciência Negra e Título de Cidadã Baiana à Dep. Federal Benedita da Silva.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos.

Passamos a palavra à vereadora Olívia Santana.

A Sr^a OLÍVIA SANTANA:- Quero saudar toda a Mesa em nome do deputado Rosemberg, do deputado Bira Corôa e da nossa homenageada de hoje, a minha querida amiga, companheira de muitas lutas, a deputada federal Benedita da Silva. Sintam-se todos representados nessa saudação.

Eu acredito, deputados, que foi uma iniciativa muito feliz, não só em homenagear Benedita por toda a sua trajetória, você é uma referência na vida de todos nós e de todas nós, especialmente nós, mulheres negras.

E quero, também, parabenizar pela data. Nós estamos, hoje, aqui, celebrando essa homenagem no dia 22 de novembro, que é exatamente o Dia da Revolta da Chibata. (Palmas). Então, eu tenho que homenagear essa personalidade que mudou a história da Marinha brasileira, que é o personagem João Cândido. E nós celebramos tanto Zumbi dos Palmares e precisa celebrar, mais e mais, outras figuras, a exemplo do nosso almirante negro. E você que é carioca, Bené, sabe muito bem disso, da importância de João Cândido para a história.

Quero dizer que todas as nossas iniquidades já foram aqui muito bem descritas pela nossa ialorixá, que fez aqui um verdadeiro tratado sobre as desigualdades que nós vivenciamos. E eu não tenho nenhuma dúvida que nesta Casa, que é uma Casa Legislativa, é uma Casa política, o grande desafio a ser pensado é, exatamente, a necessidade de uma maior participação política, de um maior exercício de poder por parte da população negra.

Nós não vamos enfrentar o problema da violência, não vamos enfrentar o problema das desigualdades sociais que são tão profundas, se nós não garantirmos que essas meninas que estão ali, esses meninos que ali estão, que são estudantes e vieram participar dessa importante e histórica sessão, que eles possam nos ver como espelho, para um dia garantir



que o poder não seja exercido apenas com uma exceção, no caso dos negros. Nós não podemos ter apenas, num País de 50,7% de população negra, nós não podemos, jornalista Cleidiana, ter apenas uma Benedita da Silva na Câmara dos Deputados; nós não podemos ter apenas um Bira Corôa nesta Assembleia Legislativa; nem podemos ter apenas uma Olívia Santana e um Gilmar na Câmara de Vereadores da cidade mais negra do País. (Palmas)

É preciso fazer a luta. Alguns me dizem assim: “Que pena que perdemos a eleição”. Eles sentem profundamente isso. Mas temos um patrimônio eleitoral de 46% de eleitores que fizeram a escolha por nós. (Palmas) Isso nos anima, e muito. Pelo meu gosto, nunca teria participado de uma disputa majoritária, mas posso dizer agora que tomei muito gosto por isso.

E quero dizer para vocês que não podemos deter os sonhos da nossa infância, da nossa juventude nem mesmo os da fase adulta e até do envelhecimento. Nós precisamos dizer que é, sim, possível não apenas aquilo que aconteceu nos Estados Unidos, que todo brasileiro aplaude. Se aplaude, vamos aprender a lição e vamos garantir que um dia possamos ter um presidente negro também no Brasil, um governador negro no Estado da Bahia, além de mais deputados e deputadas. Enfim, que isso se torne algo tão natural quanto é a constituição da Nação brasileira, que é essencialmente diversa, acima de tudo.

Um forte abraço. Muito axé correndo nas nossas veias, que nós precisamos de força vital para chegarmos muito mais além.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



4279-II

Ses. Esp. 22/11/12

Or. Sérgio Guerra

Dia da Consciência Negra e Título de Cidadã Baiana à Dep. Federal Benedita da Silva.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Registro ainda as presenças da Mãe Olga, do Terreiro Ilê Axé, do Mutalandê de Serra Verde; do Colégio Estadual Sete de Setembro, e aproveito para destacar que esse colégio, que fica lá no Subúrbio Ferroviário, em Paripe, é uma referência no trabalho. Estou praticamente há 6 anos nesta Casa, durante esse período conseguimos desenvolver, em conjunto, diversos trabalhos com essa garotada. É uma satisfação muito grande tê-los mais uma vez aqui. Vocês levam desta Casa e das atividades que fazemos na comissão um referencial para os trabalhos que desenvolvem na escola.

E aproveito para dizer que temos um convite – estava deixando para o final, mas vou fazer logo, em sequência – para o lançamento do livro *Tá repreendido Em Nome de Jesus!:* *Religião, Identidade e Conflito com a Implementação da Lei 10.639*, de autoria de Deyse Luciano de Jesus Santos. (Palmas) Será no dia 28 de novembro, às 19h, na Livraria Saraiva, do Iguatemi.

E também convidado todos para a 2ª Caminhada da Consciência Negra da Comunidade de Mussurunga, que será realizada no dia 25 do corrente mês, às 9h da manhã. A concentração será no fim de linha de Mussurunga. Aproveito ainda para convidar para a 8ª Caminhada pela Vida e Liberdade Religiosa, que sai do busto de Mãe Runhó, no Engenho Velho da Federação, promovido pelo CEN.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa): - Passo a palavra ao professor Sérgio Guerra. (Palmas)

O Sr. SÉRGIO GUERRA:- Boa-noite a todas. Quero saudar a “todas” porque estão incluídas as personalidades, representações e pessoas. Portanto, economizo tempo. O mês de novembro é um mês extremamente rico na História do Brasil. É o mês da Proclamação da República, que permitiu e permite levada a sua radicalidade que tenhamos personagens históricas como a nossa companheira Bené, permita-me a intimidade da longa



militância partidária. A companheira Benedita da Silva é uma honra e glória da luta dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil. Muito obrigado, companheira Bené.

O mês de novembro é o mês da consciência negra. É o mês em que o Brasil recupera uma grande parte da sua história que foi escondida durante tanto tempo. O mês de novembro, Olívia lembrou muito bem aqui, é o mês da Revolta da Chibata, a revolta contra os castigos corporais na Marinha brasileira e na sociedade brasileira como um todo. No mês de novembro há também a grande Revolta dos Búzios aqui na Bahia e que é omitida nas escolas até hoje. No dia 8 de novembro de 1798, foram martirizados na Praça da Piedade, quatro negros que ousaram lutar pela República e pelo abolicionismo, coisa de que pouco se falava em toda a América. A revolução americana, a independência dos Estados Unidos manteve a escravidão, o Império brasileiro manteve a escravidão e só praticamente 100 anos depois se conseguiu a abolição da escravidão. E esses heróis continuam ausentes dos livros da nossa história, da História da Bahia. Colocar isso é o nosso desafio.

Ontem, particularmente, fiquei muito feliz porque o Congresso Nacional aprovou em primeira instância a PEC que amplia os direitos das empregadas domésticas do Brasil. Particularmente, minha amiga Creusa, fiquei muito emocionado, mais ainda quando ouvi a companheira Benedita falando dessa conquista. O Brasil ainda é um País em que a escravidão existe em nossos lares. A babá é a grande escrava do século XXI, e isso precisa ser extinto.

Por fim, queria dizer aos estudantes que estão aqui que ao voltarem para casa e para as suas escolas digam da grande lição de história que vocês viveram nesta Casa. E essa lição é um desafio para que esta Casa a imprima e a distribua em todas as escolas públicas deste Estado. Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



4280-II

Ses. Esp. 22/11/12

Or^a Bruna Graciele

Dia da Consciência Negra e Título de Cidadã Baiana à Dep. Federal Benedita da Silva.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa): - Neste momento, passo a palavra à tenente Bruna Graciele neste ato representando o Comando Geral da Polícia Militar. (Palmas)

A Sr^a BRUNA GRACIELE:- Boa-noite. Queria saudar a Mesa em nome da deputada federal Benedita da Silva, uma grande personalidade para nós, jovens, um grande exemplo a ser seguido. Agradeço o convite que foi feito a nós, da Polícia. Logo a nós que por tantos anos, por tanto tempo fomos um instrumento do Estado para fazer valer o preconceito. (Palmas) Muitas vezes somos usados para ratificar o preconceito racial e de gênero também. Nós, da Polícia, na sua maioria, somos constituídos por pessoas negras, policiais negros. A Polícia Militar também foi um grande instrumento de ascensão do negro tanto social quanto econômica.

Queria dizer como um alento que a Policia Militar está mudando. Nossos últimos comandantes, alguns dos nossos comandantes, principalmente esse que represento, têm procurado fazer ações para que a Polícia torne-se mais igualitária para que possa tratar bem o cidadão independente do seu gênero, da sua raça, da sua religião. A Polícia Militar tem procurado tornar-se mais humana independente de quaisquer dessas situações.

Sou negra e tenho muito orgulho disso! Queria agradecer e dizer que nós na Polícia estamos lutando para tornar cada vez mais os cidadãos iguais.

Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



4281-II

Ses. Esp. 22/11/12

Or. Vera Lúcia Barbosa

Dia da Consciência Negra e Título de Cidadã Baiana à Dep. Federal Benedita da Silva.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito ainda para registrar a presença do Batuque Black, Casa da Nigéria, Coletivo de Mulheres do PT, Coordenação da Promoção da Igualdade de Camaçari. Aproveito também para registrar a presença de Iaraci que dispôs o seu nome na disputa no município de Camaçari numa chapa como vice-prefeita. Saúdo a sua presença. Iaraci, acabei de citar a sua presença.

Neste momento, passo a palavra à secretária Vera Lúcia que, neste ato, representa o governador da Bahia Jaques Wagner, além de representar a Secretaria da Mulher.(Palmas)

A Sr^a VERA LÚCIA BARBOSA:- Boa-noite a todas e todos.

Confesso a vocês que a minha experiência de movimento social, porque venho do MST, estou secretária de Estado hoje do nosso governador Jaques Wagner, confesso que essa experiência acumulada, neste momento, remete-nos a uma responsabilidade muito grande. De certa forma, tremi nas bases quando os nossos dois deputados disseram que eu iria encerrar, mesmo estando aqui empoderada representando o nosso chefe maior do Estado, o governador Jaques Wagner. Pela posição que vou falar, porque estou falando depois da Benedita da Silva, confesso a vocês que é uma responsabilidade muito grande para mim encerrar este ato pela simbologia que a sua pessoa carrega, Benedita. Você transcende isso no momento em que fala em todos os sentidos, em todos os valores. Isso nos remete a uma responsabilidade muito grande.

Mas gostaria de saudar a Mesa em nome dos deputados Bira Corôa e Rosemberg Pinto (Lê) *“Pela iniciativa de promover esta sessão especial sobre violência contra a mulher negra tempo em que concede o título de cidadã a esta grande deputada Benedita da Silva mulher negra, de origem humilde como quase todas as mulheres negras mas que sem dúvida enfrentou as barreiras dos preconceitos raciais desigualdades de gênero para se tornar uma referência na história política e social de nosso país.*



Por isso deputada merecidamente você é uma baiana de alma de raça. Parabéns, pela outra trajetória! As mulheres baianas, só têm a ganhar com mais uma cidadã baiana.” que é você deputada Benedita da Silva.(Palmas)

Espero com isso ter saudado, permitam-me, em nome da deputada, todas as personalidades e representantes que fazem parte da Mesa.

(Lê) *“Senhoras e senhores, as comemorações em torno do novembro negro são marcadas pelo reconhecimento da trajetória de avanços e retrocessos na busca pela afirmação dos direitos humanos da população negra no enfrentamento ao racismo em nosso país.*

Desde a chegada das primeiras mulheres e homens negros a essa terra que hoje chamamos Brasil, passando pela abolição da escravatura até o Brasil de hoje, muito suor e sangue dos negros foi derramado, muitos personagens esquecidos silenciados ou simplesmente deformados.

Por isso, temos a necessidade de recuperar o que foi dito e escrito nos relatos sobre nosso povo, pois sabemos que a memória se constitui num campo de batalha, onde o presente debate o passado Ao mo modo de construir o futuro. Por isso reivindicamos que as relatos oficiais não tratem de nossa história como a história de escravos no Brasil mas como a história de um povo que nasceu livre e foi escravizado.

O tema dessa sessão especial de hoje com enfoque nas mulheres negras nos ajuda a romper com mito da mulher universal e a evidenciar as etnias as especificidade e a diversidade das mulheres brasileiras.

É esta diversidade que faz com que o fenômeno da violência atinja as mulheres de forma diferenciada porque quando uma mulher se encontra em situação de violência fatores como a classe social e raça atuam de forma decisiva para que elas rompam ou não o ciclo de violência.

As mulheres negras, tema de nossa sessão do especial de hoje, são vítimas não só da velada violência doméstica e familiar praticada pelos seus companheiros, mas também de todas as demais formas de violência geradas pelo racismo, como, por exemplo, a violência institucional.



A soma dessas opressões de gênero e raça leva a uma situação conhecida por muitos e muitas, apesar de intencionalmente ignorada.

Só alguns exemplos: a média de anos de estudos das mulheres negras no Brasil é de 5,6 anos, enquanto a média de anos dos homens brancos é 6,7 anos;

Elas recebem o menor salário médio do Brasil (R\$ 558,00), que chega a ser três vezes menos do que o salário recebido por um homem branco;

O trabalho doméstico concentra 20% da força de trabalho das mulheres negras no Brasil;

Nesse contexto de realização dos 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres, precisamos ter condição de discutir sobre essa dupla violência sofrida pelas mulheres negras brasileiras, e não correremos o risco projetar políticas de enfrentamento à violência pensadas para mulheres abstratas, que, quando contrastadas com a realidade das mulheres, tornam-se inexecutáveis.

Para finalizar, gostaria de destacar a importância desta sessão especial que reconhece trabalho realizado por uma grande mulher negra que constrói, em seu cotidiano de luta, uma sociedade mais justa e mais humana.

Parabéns, deputada Benedita, pela sua história de luta em defesa das mulheres negras deste País, em especial, parabéns pelo seu exaustivo trabalho como relatora para garantir a aprovação da PEC do trabalho doméstico. Esse projeto, sem dúvida, garantirá condições humanas e dignas de trabalho para as trabalhadoras domésticas deste País, além de inibir a prática ilegal do trabalho de meninas, infelizmente, ainda muito comum em nosso meio.

Um forte abraço a todas e todos e parabéns ao deputado Bira e ao deputado Rosemberg.

Muito obrigado”.

(Não foi revisto pela oradora.)



DL-04

Ses. Esp. 22/11/12

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero aproveitar para convidar Cida Black para que ela possa fazer uma peça musical ao momento em que estaremos homenageando as mulheres que se destacam no seu campo de intervenção e de atuação.

(Procede-se à apresentação musical da Srª Cida Black.)

A Srª Cida Black:- Gente, esta música é composição nossa. Cida Black é a primeira cantora negra a representar a música negra de Camaçari. Já temos um projeto afro em Camaçari.

Quero agradecer pela grande ajuda do nosso deputado Bira Corôa e, ao mesmo tempo, parabenizar o nosso coordenador da Promoção da Igualdade Racial de Camaçari pelo evento no dia 20 de novembro passado. Gostaria de que a nossa deputada Luiza Maia estivesse aqui.

Muito obrigada, Bira Corôa, pela oportunidade de sempre travar e puxar as lutas raciais em Camaçari. Estou aqui sempre. Espero que tenham mais mulheres negras para entrar nesta luta comigo. (Muitas palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Obrigado, Cida. É um prazer muito grande e uma satisfação para todos nós.

Quero, neste exato momento, convidar a baiana e deputada federal Benedita da Silva para entregar a homenagem a outra baiana e vereadora da Câmara Municipal de Salvador, Olívia Santana. (Palmas)

(A Srª Olívia Santana recebe a homenagem das mãos da Srª Benedita da Silva pelo destaque na política, pela intervenção na Câmara Municipal de Salvador e por toda a sua trajetória de vida.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Como dizia minha avó, as homenagens são no pé do altar ou no pé do caboclo. Se os homenageados quiserem fazer uma breve fala, há um microfone ao lado à disposição.



O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero convidar a Sr^a Creusa para entregar a homenagem pelo destaque na cultura a Tânia Toco, representada, neste momento, por Nayara Tavares.

(A Sr^a Creuza procede à entrega da homenagem pelo destaque na cultura à Tânia Toco, representada pela Sr^a Nayara Tavares.)

(Muitas palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra a Sr^a Nayara Tavares.

A Sr^a Nayara tavares:- Boa-noite a todos e a todas. Infelizmente, Tânia Toco não está aqui hoje, porque está gravando a novela *Malhação*. No entanto, ela teve a preocupação de mandar o texto.

Quero dizer que me senti muito honrada pelo convite dela, porque ela sabe muito bem que convivemos juntas na área da educação. Eu a levei às comunidades da periferia de Salvador. E ela mostrou um traço muito comum que é a inquietude e o desejo de mudança.

Compartilhar este momento com ela, me traz muita felicidade. E, acima de tudo, reconheço ser ela uma pessoa, além de humana, integrada a esta luta, não só por estar, agora, na fama da tela, mas por ter este sentimento coletivo muito forte.

Trouxe um texto que Tânia passou para o meu e-mail e passo a lê-lo agora.

(Lê) *“Boa-tarde a todos e a todas. Peço a bênção aos mais velhos e às mais velhas que se encontram neste Plenário. Agradeço esse maravilhoso convite dos Excelentíssimos Deputados senhor Rosemberg Pinto e do senhor Bira Coroa, sinto-me altamente lisonjeada pela lembrança e por daí poder constatar que, com o trabalho que venho fazendo em prol da nossa cultura, e pelo social está valendo muito a pena, acredito que as mudanças em relação à Violência contra as mulheres e principalmente as mulheres negras estão fazendo a diferença na vida da nossa população feminina, eventos como esses são mais que necessários para que se legitime os direitos que temos de viver uma felicidade plena, ao lado de nossos filhos, nossos maridos (os que compreendem que para as mulheres só flores) dos nossos familiares e amigos.. O trabalho não me permitiu usufruir desse momento (estou no Rio gravando a novela Malhação) e da companhia de todos que aqui se encontram, porém, o meu coração e pensamento estão aqui, podem acreditar, abraços em*



todos e mais uma vez obrigada, obrigada, obrigada.. .Que Olorun os guarde.. .Tânia Tôko...” (palmas)

Para finalizar, quero falar um poema para todas as mulheres negras e homens também. Saudades da minha África, dos irmãos e das irmãs que não ninei, das mães de colos quentes, dos homens construtores de fato do meu país que roubaram de mim. Por isso, durmo e acordo com metade de mim ausente.

De minha autoria, o poema Meu País.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- No segmento empresarial, Madalena Cardoso recebendo as honrarias da deputada Neusa Cadore (palmas).

(A Sra. Neusa Cadore faz a entrega)

Madalena Cardoso representa a Negrif que, neste ato, foi representada pela filha Daiane Gabriela.

Convido o deputado Rosemberg para fazer a entrega à delegada Marilda Marcela, destaque na questão da segurança (palmas).

(O Sr. Rosemberg Pinto faz a entrega)

A Sr^a Marilda Marcela: Serei breve, mas não poderia deixar de agradecer por esta oportunidade.

Já não faço parte da Delegacia Especial de Atendimento à Mulher, me encontro em outra unidade, mas desenvolvi com muito amor, enquanto estive naquela unidade, a causa à mulher, principalmente a mulher negra, tentando evitar que ela fosse vítima também da nossa instituição policial.

A mulher negra, geralmente, além de ser vítima da violência doméstica, se nós, gestores, não estivermos atentos, essa mulher também será vítima dentro da unidade policial. Enquanto estive naquela unidade, tive o cuidado de evitar que isso acontecesse.

A luta continua, não sou mais delegada titular da Delegacia da Mulher, mas continuo na luta participando de todas as palestras que eu posso, visitando escolas, porque nas escolas a gente ensina os nossos jovens a não cometerem violência e ensina também as nossas meninas a não admitirem serem violentadas, o tapinha no rosto, o puxão de cabelo.



É por isso que eu estou, aqui, para agradecer a oportunidade. Eu vi que temos uma plateia seleta de jovens estudantes e quero que eles também saibam que nós estamos, aqui, vigilantes para que vocês também não permitam ser violentados. A mulher negra precisa abrir a sua voz, evitando que aconteça a violência não só nos seus lares, como vem acontecendo, mas também na procura e na busca pelas instituições policiais para que não sejam novamente vítimas de violência também pelas nossas polícias.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero convidar Maria Angélica para entregar a homenagem a Cleidiana Ramos, jornalista que se destaca na área de comunicação. Sei que essa homenagem foi surpresa.

(A Sr^a Cleidiana Ramos recebe a homenagem das mãos de Maria Angélica)
(Palmas)

A Sr^a Cleidiana Ramos:- Boa noite. Eu não ia falar, mas eu tenho de justificar. Obrigada pelo presente. Vocês não imaginam como eu estou emocionada. A pessoa que me entregou essas flores, Dona Maria, foi esposa de Dr. Rodrigo de Castro Burgos, aquele médico de família que me conheceu pequeninha. Ele era um grande amigo do meu pai, Pacífico Teixeira Ramos, conhecido como Chico Preto, prefeito de Iaçú, membro do MDB e do chamado grupo dos autênticos.

É engraçado que todo mundo me conhece muito como Cleidiana Ramos, a jornalista do *A Tarde*, mas poucos me conhecem como Paty de Chico, lá de Iaçú, e agora é essa a identidade que eu estou assumindo. Meu pai estava entre os 19 prefeitos do MDB, eleitos em 1971. Houve uma batalha contra a ditadura e em defesa da posse da terra, e ele lutou contra um grande latifúndio na minha cidade. Ele fez uma história belíssima. Então, vocês não poderiam ter-me dado um presente melhor do que esse.

Muito obrigada, deputado. Muito obrigada, mesmo. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido Vera Lúcia Barbosa, a nossa secretária, para entregar a homenagem a Juliana Ribeiro, que se destaca na música e nos representa.



(A Sr^a Juliana Ribeiro recebe a homenagem das mãos de Vera Lúcia Barbosa (Palmas))

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero convidar novamente o deputado Rosemberg Pinto para que ele possa entregar...

A Sr^a Juliana Ribeiro:- Só um minutinho, deputado. Eu poderia...

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Desculpe-me, Juliana.

A Sr^a Juliana Ribeiro:- Não tem problema, não. Hoje é um dia de festa e a gente acaba ficando emocionado de verdade. Eu fiquei, ao ver aquela irmã cantando com a vida no ventre, e isso me emocionou de coração, de verdade. Eu queria agradecer, de verdade, a Bira Corôa, a Rosemberg Pinto e a Benedita da Silva, que é uma grande referência. Eu queria agradecer, dividindo isso com vocês, da forma que eu aprendi e da forma que eu ganhei esse dom, que é cantando junto com vocês.

(Apresentação musical) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido o deputado Rosemberg Pinto para entregar homenagem à Cecília Soares, professora e antropóloga, que se destaca no tema educação.

(O Sr. Rosemberg Pinto entrega homenagem à Cecília Soares) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido o professor Sérgio Guerra para entregar a homenagem à Carla Akotirene, destaque na juventude.

(O professor Sérgio Guerra entrega a homenagem à Carla Akotirene) (Palmas)

A Sr^a Carla Akotirene:- Boa-noite a todas as pessoas presentes, sou Carla Akotirene, assistente social, mestre em estudos interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo, mas não são esses títulos que fazem de mim talvez a pessoa que foi convidada a ser homenageada aqui. As mulheres negras nos ensinam que os nossos passos vêm de longe e é a referência de Lindinalva Barbosa e de Benedita da Silva, como profissionais, que me formou assistente social disposta a mostrar que a população negra é alvo de uma política de assistência social ainda casuística, fragmentada e inoperante no que diz respeito à população negra.



Estou muito feliz. Eu tinha outra atividade e fiz a opção política de estar aqui diante de Benedita da Silva, que brilhantemente defendeu a valorização do trabalho doméstico. Trabalho esse que só é valorizado exatamente quando não é feito, e Benedita colocou, no rol de cidadania constitucional, a luta histórica das trabalhadoras domésticas, como Creusa sabe muito bem.

Estou lisonjeada por estar aqui recebendo essa homenagem. Realmente, os nossos passos vêm de longe. Eu não represento só a mim mesma, represento igualmente Gabriela, Diana, Benedita, Lindinalva e todas essas outras mulheres que me constituem enquanto mulher negra. Represento aqui a minha mãe, que num esforço solitário me educou para que eu chegasse à universidade e não fosse considerada só uma mulher negra e bonita, mas também uma intelectual da Universidade Federal da Bahia.

Muito obrigada. (Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Fizemos uma troca rápida porque quero chamar o deputado Bira Corôa para que possamos, em nome da religiosidade, fazer uma homenagem a Mãe Jaciara, aqui representada por Gabriela. A Mãe Jaciara está na África.

(A Sr^a Gabriela Ramos recebe a homenagem das mãos do deputado Bira Corôa.)
(Palmas!)

A Sr^a Gabriela Ramos:- Boa-noite a todos. Eu sou Gabriela Ramos. Estou representando a Ialorixá Jaciara. Não sou sua filha biológica, mas sou sua filha de santo. A ausência dela é por ocasião da viagem ao Benim com a comitiva que foi recebida lá pelo rei Guezo, através do Projeto A Ponte: Diálogo entre Dois Mundos. Gostaria muito que estivesse presente, mas infelizmente não deu tempo para voltar, ela que mais do que ninguém sabe o porquê deste reconhecimento.

A Iá e professora Cecília já falou da gama conceitual de violência. Eu acredito que minha mãe de santo entrou na militância justamente acometida, indiretamente, por uma violência: a da intolerância religiosa, que acabou assassinando sua mãe biológica, vítima de um enfarte fulminante. Oriundo exatamente de uma violência psicológica por intolerância religiosa.



Eu poderia dizer várias coisas aqui, porque o histórico dela é de doze anos, mas não sou a pessoa mais indicada para falar tudo, porque ela se autorrepresenta em qualquer lugar.

Queria muito agradecer aos deputados Bira Corôa e Rosemberg Pinto e parabenizar e acolher a deputada federal Benedita da Silva.

Muito obrigada.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Queria chamar o meu querido irmão professor Jaime Sodré para que possa fazer uma homenagem entregando esse troféu a nossa querida Sílvia Augusto.

(A Sr^a Sílvia Augusto recebe a homenagem das mãos do professor Jaime Sodré.)
(Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Sílvia Augusto tem uma participação significativa na área da saúde, especialmente na comunidade negra.

A Sr^a Sílvia Augusto:- Boa-noite a todos os presentes. Na verdade eu não ia falar nada. Mas acho este momento realmente muito emocionante. Estamos nos vendo representados, vemos que as nossas lutas fazem sentido. Essa luta não é minha, ela vem de muito tempo, sou apenas uma representante; há várias pessoas representadas neste troféu.

Muito obrigado aos que me indicaram, os deputados Bira Corôa e Rosemberg Pinto.

Só uma correção, meu nome é Sílvia Augusto. É sobrenome, as pessoas costumam fazer essa correção.

Muito obrigada a todos pela homenagem. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Chamo agora essa deputada que orgulha a todos nós na sua luta pela mobilidade urbana na cidade de Salvador, Maria del Carmen, para entregar esta homenagem a esse símbolo, a nossa querida Rita, que aqui representa as baianas do acarajé. Jaime há pouco a reverenciou.

(A deputada Maria del Carmen procede à entrega da homenagem à Sr^a Rita.)
(Palmas)



A Sr^a Rita:- Ser mulher, ser negra, ser de matriz africana e ser baiana de acarajé, gente, é difícil. Vim de um outro estado para querer mandar no estado dos outros, porque não sou baiana, sou carioca. Mas é com orgulho que digo que sou baiana, sinto-me mais baiana do que carioca.

É muito complicado. Baianas de acarajé são mulheres guerreiras, normalmente não têm marido, o tabuleiro é o marido delas. Quero agradecer em nome daquelas que já se foram e daquelas que estão aí e que são a verdadeira resistência deste País há mais de 300 anos. Elas estão aqui lutando, correndo atrás, sendo mãe dessas crianças que ficam nas ruas, porque a cada vez que colocamos o tabuleiro, tem quatro ou cinco esperando. Isso é importante para mostrar a elas que estão aí. Muitas mães, hoje, baianas de acarajé não querem suas filhas seguindo essa profissão. Estamos tentando mostrar para elas que é válido, que é bonito, que ser baiana de acarajé é tudo de bom, é tudo que tem de melhor. Tenho um orgulho danado de ser baiana de acarajé.

Muito obrigada.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Chamo agora a nossa querida Bruna, que representa o Comando da Polícia Militar. Nestes novos tempos, temos de dizer que a PM e o movimento sindical, que já se encontram em situações mais duras, hoje, vivem um momento mais leve e democrático. Por isso, quero que Bruna preste a homenagem a essa grande sindicalista, nossa querida Creuza.

(A tenente Bruna procede à entrega da homenagem a Creuza Oliveira.) (Palmas)

A Sr^a Creuza Oliveira:- Eu havia tirado meu nome da lista de inscritos, mas, por conta deste ato, tenho de, em primeiro lugar, dedicar esta homenagem a todas as minhas companheiras e ao meu companheiro, Francisco, que está aqui. Ele também é do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas. (Palmas) Agradeço aos deputados Bira Corôa e Rosemberg Pinto por esta oportunidade de trazer a nossa companheira, nossa irmã, parceira de muitas lutas, a deputada Benedita da Silva.

No dia 20 de novembro a gente estava lá em Brasília, na Comissão de Direitos Humanos, onde foi realizado um ato de sensibilização dos deputados e deputadas federais que resultou, no dia 21, na aprovação dessa PEC. Essa mulher, essa grande guerreira é a



nossa principal parceira lá no Parlamento. Desde 85 que eu a conheci no V Congresso Nacional das Trabalhadoras Domésticas em Pernambuco, daí então nunca mais nos desligamos, e ela tem sido essa grande porta-voz.

A minha irmã baiana, da associação, Rita, quando ela falou aqui que as filhas não querem ser baiana de acarajé, nós também temos essa história na nossa categoria. As mães não querem que as suas filhas sejam trabalhadoras domésticas. E estamos lutando para que a nossa juventude – os jovens que estavam ali já foram embora –, os nossos jovens tenham oportunidade de escolher se querem ou não ser domésticas, mas terem o direito de ser médico, engenheiro, político (Palmas), todas as profissões, e doméstica caso queiram, mas que não sejam obrigados a estarem no trabalho doméstico porque não houve direito ou oportunidade de escolher, assim como eu, minha mãe, minha vó, nossos antepassados, as nossas mulheres guerreiras não tiveram oportunidade de escolher.

Como a Carla falou aqui, ela é uma menina jovem, também a outra jovem que se colocou aqui, nós queremos ver a nossa juventude negra com oportunidade. Por isso, a importância da luta pelas cotas, a importância da luta pela igualdade racial em todos os espaços desta sociedade.

Um grande axé e um grande abraço para todos e todas. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Ok, minha querida Creuza.

Eu queria pedir a Bira Corôa para que fizesse também uma homenagem a nossa vizinha cidade de Camaçari, que fez um belo Dia da Consciência Negra, homenageando essa mulher que veio aqui e fez aquela cantiga bonita, chamada Cida Black.

Cida deu uma saidinha? Ela está grávida, foi ali. Daqui a pouco ela chega e fazemos juntos.

Eu queria aqui neste momento, é a última homenagem que vamos fazer, e se Cida chegar faremos juntos. Cida está chegando, é porque ela está grávida, veio aqui, cantou, brincou e tal.

Cida, esta é uma homenagem que o meu querido Bira Corôa faz a você e a todas as mulheres negras de Camaçari para que a gente possa valorizar mulheres como você. (Palmas)
(É feita a homenagem a Cida)



A Sr^a Cida Black:- Boa-noite, gente.

Como vocês já conhecem o meu nome é Cida Black, a primeira mulher negra a brigar e defender a música negra em Camaçari com um projeto afro que não é apoiado por alguns dos nossos governantes. Temos o apoio só de Bira Corôa, o deputado de Camaçari.

Sou filha de Creuza, a minha mãe atua há 30 anos na saúde cuidando da comunidade negra também. E eu gostaria de agradecer a Bira, saudar toda a Mesa, porque este anos temos mais ações afirmativas. E para todas as minhas amigas que estão aqui, irmãs, porque é muito bonito ver a nossa luta indo em frente, temos nossas ações afirmativas sendo concretizadas. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Por último, queria pedir que esse nosso baiano Antônio Pitanga fizesse homenagem a outra baiana, entregando essa nossa lembrança da Assembleia Legislativa da Bahia para a não menos a baiana Benedita da Silva. (Palmas)

(A Sr^a Benedita da Silva recebe a homenagem do Sr. Antônio Pitanga.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Meus queridos, estamos chegando ao final desta sessão especial, queria fazer um agradecimento especial em nome do gabinete do deputado Bira Corôa e do meu gabinete a todas as pessoas que ajudaram a consolidar esse evento. Sem dúvida alguma, este evento acontece muito pela nossa perseverança, mas não tenho dúvida de que, pela vontade das pessoas que trabalham em nosso gabinete, foram elas as responsáveis por tudo que vocês viram aqui. Nós só falamos, mas foram eles os responsáveis pela criação, pelo convite, por todo o trabalho que desenvolvemos neste dia, por isso quero agradecer aqui a todos vocês pela realização desse evento.

Queria agradecer a cada um de vocês, passamos aqui uma tarde em que discutimos todos os pontos, desde a história, passando pelos problemas, pelo debate da violência, mas também pela afirmação que podemos construir um mundo melhor, por isso que destacamos diversas pessoas como representação desse novo momento que vivemos na sociedade baiana, na sociedade brasileira.

Para encerrar, minha querida Lucinha, quero que você leve ao governador Jaques Wagner essa posição, que estamos extremamente antenados com este governo, que cada dia



pensamos em políticas públicas no sentido de valorizar as comunidades mais carentes dessa nossa população.

E lembrando o nosso Bairro da Paz, aqui queria chamar para fazer o encerramento com o grupo que devemos assistir, do bairro, que começou aqui no nosso lado, essa comunidade que tentaram extinguir, mas o nosso Waldir Pires, quando governador, manteve lá e eles estão aqui para demonstrar que o Bairro da Paz está vivo com a negritude que ali vive todos os dias.

Para vocês, o Bairro da Paz.

(Apresentação do grupo musical e de capoeira do Bairro da Paz.)

O Sr. Sidnei (Bairro da Paz): - Não poderia deixar de agradecer a vocês e dizer que temos um hino de saída e, ao mesmo tempo, agradecer a essa cultura negra, a essa cultura forte que nos une pela igualdade racial e pelo direito à vida.

É por isso que nós estamos aqui e fizemos uma canção sobre o Bairro da Paz que retrata a realidade, e a gente queria cantar um pouquinho na voz das crianças pra vocês neste momento a canção “Balança mas Não Cai”.

(Apresentação musical de crianças do Bairro da Paz)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Quem é essa garotinha com essa voz bonita, lá do Bairro da Paz?

Obrigado a todos vocês.

O Sr. Sidnei:- Enquanto estamos encerrando, queremos mostrar o berimbau tomando conta desta sessão.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Pinto):- Quero, antes de encerrar, depois saímos todos juntos, quero fazer dois avisos. Queria agradecer aos servidores da Casa e dizer ao pessoal do Cerimonial que vou pedir ao presidente Marcelo Nilo que pague horas extras por estar saindo neste horário. Agradecer a todos vocês, ao nosso pessoal da infraestrutura aqui atrás, do cafezinho, que sempre está com a gente. Aqui nada mais é do que o momento de consagração de uma luta que cada um trava dentro das suas condições há muitos anos neste País.



Quero convidar a todos para irmos ao saguão, fazer uma comemoração comendo acarajé, ouviu, Rita? Que é para a gente oficializar aqui essa posição da carta que Jaime leu. Convidar para o lançamento dos livros de história em quadrinhos sobre mitologias e histórias africanas, do jornalista Tangre Paranhos e do ilustrador Frank Santos, e uma apresentação de capoeira no saguão do Plenário com o grupo de Nordeste de Amaralina.

Declaro encerrada a sessão e peço para que o grupo do Bairro da Paz nos conduza até o saguão.

(Apresentação musical.)